

Comitê dos credores negocia enfraquecido

A retomada efetiva das conversações para o encaminhamento da fase 4 da renegociação global da dívida externa brasileira, no próximo dia 25, vai encontrar o comitê de assessoramento dos bancos credores também enfraquecido, inclusive com a perda de espaço do seu presidente, William Rhodes, no Citibank, onde ocupa a vice-presidência. Do lado brasileiro, o ex-presidente do Banco Central Fernão Bracher, conta com carta branca do ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, e só tem o limite político de evitar ao máximo falar em Fundo Monetário Internacional.

O Banco Central ainda não tem a avaliação das vantagens e desvantagens do enfraquecimento do poder de fogo do comitê de assessoramento. O ex-presidente do Banco Central na época de Dilson Funaro, Francisco Gros, tentou tirar proveito da situação em abril último e abrir várias frentes de renegociação da dívida, com a regionalização e até mesmo a segmentação, por porte de bancos, dos entendimentos. Em menos de três meses de gestão e ainda sob o impacto da moratória de fevereiro, Gros não pôde sequer colocar os seus planos em prática.

Logo após a comunidade financeira internacional afastar Tony Gebauer, o ex-vice-presidente do Morgan Guaranty Trust, do centro das negociações com o Governo brasileiro, Rhodes assumiu a condição de coordenador da renegociação das dívidas dos principais países em desenvolvimento e teve o seu apogeu em 1984. Mas, a exemplo do próprio FMI, como lamentou mais tarde Jacques de Larosiére, Rhodes perdeu a oportunidade de buscar a discussão de novos caminhos para atacar o problema estrutural dos países endividados.

Apesar da aventura da moratória unilateral, o ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, desempenhou importante papel na discussão do endividamento dos países em desenvolvimento, ao insistir na pregação de que não havia crise de liquidez e sim desequilíbrio estrutural das economias endividadas. Rhodes jamais aceitou essa tese e a postura ortodoxa do comitê de assessoramento levou o Brasil à moratória.

Ocorre que o fracasso da política tradicionalista do comitê de assessoramento pode conduzir os bancos credores a mais ortodoxia. Por falta de alternativas, o descrédito em seu pró-

prio comitê coordenador deve fazer com que os 700 bancos credores do País insistam cada vez mais na entrada em cena do FMI. Afinal o FMI ainda é um interlocutor forte e, de alguma forma, continua com o poder de monitorar as economias endividadas.

A ascensão e declínio de Rhodes não escapa da análise de Bracher que, de fato, comanda o processo de renegociação da dívida brasileira, desde a centralização dos contatos até a palavra final quanto a estratégia a ser seguida. A comunidade financeira internacional já captou que o ex-presidente do Banco Central tem a total confiança e chega a ser um dos ouvidos de Bresser Pereira, o que facilita o diálogo.

Sem funções executivas, Bracher pode passar o dia inteiro no telefone, em contato direto com as pessoas ligadas à dívida externa do País. O ministro da Fazenda seguiu o exemplo do México e, hoje, Fernão Bracher dá, como o mexicano José Angel Gurria, dedicação integral à questão da dívida, com a assessoria também "full-time" do vice-presidente de operações internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva Bresser Pereira não quer mais improvisações na área externa.